

SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE ¹

*Ana Maria Faccioli de Camargo**

*Isaura R. Figueiredo Guimarães**

*Maria Silvia B. Fruet ***

*Ricardo de Castro e Silva***

Resumo Objetivando investigar a vida sexual dos adolescentes, a pesquisa procurou desvendar a relação entre o comportamento afetivo e sexual, as mudanças nos papéis sexuais, o início da atividade sexual e o conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais. Os resultados apontam para a família, a escola e os relacionamentos pessoais como importantes preferências para a conversa sobre sexo. A sensibilidade e a intimidade foram valorizadas no namoro. Pequenas mudanças são reveladas nos papéis sexuais e os métodos anticoncepcionais são do conhecimento destes adolescentes. Programas de Orientação Sexual revelam ser importantes neste momento de grandes transformações pessoais para estes adolescentes.

Palavras-chaves: Orientação sexual; vida sexual dos adolescentes; papéis sexuais; atividade sexual dos adolescentes; adolescentes e métodos anticoncepcionais.

Abstract The purpose of this study was to investigate the sexual behavior of adolescents and disclose the relationship between affective and sexual behavior, the changes in sexual roles, the beginning of sexual activity, and the knowledge and use of contraception methods. The findings revealed that family, school and friends are important preferences for discussing sex. Sensibility and intimacy were valued in courting. Few changes were revealed in sexual roles and contraception methods are known by adolescents. The Programs of Sexual Education revealed to be important at this moment of great personal transformations in the life of adolescents.

Descriptors: Sexual education; sexual life of adolescents; sexual roles; sexual activity.

Introdução

Este artigo se refere a um trabalho de pesquisa realizado pelo Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana (GEISH), durante o II e o III Encontro de Adolescentes, promovido pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Campinas respectivamente nos anos de 1991 e 1992. Tais eventos reuniram grupos de adolescentes que participam de Programas de Orientação Sexual (POS).

A proposta da pesquisa era esclarecer pontos específicos da vida sexual do adolescente que participa desses programas.

A sexualidade como uma questão a ser desvendada

A compreensão da sexualidade do adolescente implica em estudo interdisci-

plinar, uma vez que não se pode entendê-la senão compreendendo-o como um todo, ser humano individual inserido numa sociedade. A análise do biológico, sociológico, psicológico se faz necessária sem perder de vista a integridade de uma existência única num mundo original.

Diversos são os autores que abordam a questão da sexualidade na adolescência, reforçando a idéia da abrangência do tema e a necessidade de uma análise diferenciada das diversas facetas que esse período especial da vida apresenta.

Segundo Aberastury e Knobel (1992, p. 88) só a partir do início deste século a adolescência se tornou objeto de estudos científicos contínuos, que progrediram do enfoque restrito do despertar da genitalidade

* Professores da Fac. de Educação da UNICAMP

** Alunos de Mestrado na FE/UNICAMP

para o estudo das estruturas mentais, esclarecendo a construção do pensamento formal, a formação de valores e a inserção do jovem no mundo social do adulto através dos grupos e dos pares. Para os autores, tais estudos têm procurado desmistificar a idéia de crise para essa etapa da vida. Para eles a adolescência difícil é um disfarce de uma sociedade difícil, incompreensiva e hostil ao crescimento de alguém que quer agir sobre o mundo e modificá-lo sob a ação de suas próprias transformações.

A puberdade e o desenvolvimento das características sexuais primárias e secundárias são considerados o fenômeno desencadeador das grandes mudanças e transformações que caracterizam esse período da vida. É no corpo que se operam as maiores e mais visíveis modificações desde a infância até a vida adulta. Entre elas destacamos a maturação do sistema nervoso central, que desencadeia um modo de funcionamento para o hipotálamo, a hipófise, as gônadas e cápsula supra renal, que por sua vez acarreta alterações como: crescimento acelerado e diferenciado, aparecimento da menstruação e espermatogênese, alterações no timbre vocal, surgimento de pelos em diferentes partes do corpo, exacerbação das glândulas sebáceas e sudoríparas, etc. (Tiba, 1985).

Ao mesmo tempo, o adolescente experimenta uma série de alterações psicológicas relacionadas com a aquisição da identidade e do papel sexual. Esses são compreendidos por um conjunto de características mentais, psicológicas e sociais atribuídas a cada sexo e que nem sempre corresponde àquele ao qual a pessoa pertence. A sexualidade é, neste momento, um elemento estruturador da identidade na medida em que é fundamental na elaboração da imagem corporal que condensa experiências passadas e presentes, reais ou fantasiadas do corpo do indivíduo (Osório, 1989).

Erikson (1976) nos apresenta uma outra dimensão da idéia de crise do adolescente considerando-a um ponto conjuntural, assinalado por um processo normativo que enseja nesse período da vida o acúmulo de experiência e uma melhor definição de objetivos. Em busca de um sentido de continuidade, que deve incluir agora a maturidade sexual, alguns adolescentes enfrentam crises até poderem elaborar ideais duradouros. Ele afirma que é necessário um período de moratória para a integração dos elementos da identidade adulta para estes adolescentes.

Baseados nesses conceitos teóricos, propusemos um trabalho de pesquisa que esclarecesse a percepção do adolescente sobre seu próprio amadurecimento sexual, investigando os desdobramentos emocionais, afetivos e sociais possíveis. Nesse sentido privilegiamos alguns pontos específicos da sua vida sexual. São eles:

1. a relação entre o comportamento afetivo e sexual;
2. as mudanças nos papéis sexuais;
3. a tomada de decisão sobre a atividade sexual;
4. o conhecimento e uso dos métodos anticoncepcionais.

Considerações metodológicas

Esta pesquisa utiliza a metodologia qualitativa, que se mostra mais adequada para a compreensão de um fenômeno dinâmico, complexo e contraditório como a sexualidade.

Segundo Patton (1980) essa metodologia de pesquisa

começa por observações específicas e se constrói por parâmetros gerais. As categorias e dimensões de análise emergem de observações abertas, que brotam para o pesquisador do mundo empírico do observado.

Nosso interesse se concentrou na sexualidade do adolescente, voltando-se mais para o "como acontece". Por isso não partimos de pressupostos apriorísticos sobre o comportamento sexual, mas lançamos questões abertas que trouxessem, na linguagem do adolescente, o que e como se passa a experiência em profundidade. Para tanto, criamos um questionário que nos permitiu uma abordagem junto a um grande número de adolescentes, que permaneceram três dias disponíveis (em cada evento) para a coleta de informações.

Os questionários foram analisados e codificados conforme a riqueza do conteúdo de suas respostas e organizados em categorias significativas para a compreensão do problema. Codificar é colocar a informação da categoria pertinente e assinalá-la com um símbolo. Assim procedemos, criando um banco de dados para análise e arquivo dessas informações.

Os adolescentes dos eventos

O II e o III Encontro de Adolescentes reuniram em Campinas jovens com experiência de participação em POS, procedentes de São Paulo, Uberlândia (MG), Campinas (SP), Salvador (BA), Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro e Belo Horizonte (MG) perfazendo um total de 700 participantes.

Caracterização dos adolescentes

A amostra inicial atingiu 112 participantes em um evento que reuniu 400 adolescentes. A segunda amostra atingiu 102, num evento que reuniu 300 jovens.

Nossa reflexão sobre as informações coletadas será relativa às respostas de 214 adolescentes que participam da POS por um período que varia de 1 a 5 anos. Vale ressaltar que é um número considerável de adolescentes que recebe orientação sexual,

o que é altamente significativo dentro do contexto da educação brasileira que ainda desperta para esse problema.

A idade dos adolescentes investigados variou de 12 a 18 anos. A maioria tinha entre 13 e 14. Do total 121 eram meninas e 93, meninos.

Caracterização dos pais

A maioria dos pais, 55,5%, tinham entre 36 e 45 anos. A maioria das mães (58,5%) estava nessa mesma faixa etária. Seguem-se pais com idades entre 46 e 55 anos (20,5%) e mães com 26 a 35 anos (18,3%).

Quanto à ocupação do pai e da mãe, foram consideradas as categorias da relação de Ocupações Profissionais oferecidas pelo Catálogo UNICAMP - Vestibular Nacional 1992.²

A maioria dos pais (33%) tinha ocupações "não manuais de rotina ou semelhantes", que compreendem trabalhos de administração mediana como bancários, auxiliares de escritório, professores, balconistas, gerentes comerciais e técnicos. Cabe observar que a maioria dos pais desta faixa de ocupação são dos alunos de Campinas que eram procedentes das escolas públicas municipais. Os filhos de pais de ocupação de nível I (20,8%) eram visitantes. Apenas 5 (cinco) alunos de Campinas tinham pais nessa faixa de ocupação que corresponde a profissionais liberais, empresários, donos de pequena e média empresas.

Quanto às mães, a maioria se encontrava na ocupação denominada trabalhos domésticos (38%). Na ocupação I temos (17%) das mães, sendo a maioria referente aos visitantes. Apenas 7 (sete) mães de Campinas estavam incluídas nessa faixa ocupacional.

No que se refere à escolaridade dos pais, foram usadas 6 categorias que compreendem: 1. analfabeto, 2. primeiro grau

incompleto, 3. primeiro grau completo, 4. segundo grau incompleto, 5. segundo grau completo e 6. terceiro grau.

A maioria dos pais (42,47%) e mães (48,6%) se insere na categoria 2, sendo que nessa faixa de escolaridade todos os pais são residentes em Campinas. No nível universitário se apresentaram 21,2% dos pais e 18% das mães.

Adolescentes: como encaram o sexo

Inicialmente procuramos desvendar *com quem o adolescente conversa sobre sexo* no seu dia-a-dia. As respostas apresentaram como interlocutores pessoas da família, da escola e de seu relacionamento pessoal. Na família encontramos a figura da mãe, irmão, irmã ou a resposta de um modo não preciso, usando a denominação pais ou família. No ambiente escolar encontramos a figura do professor, do professor de orientação sexual e a simples designação escola e no grupo de relacionamento pessoal se encontram prioritariamente os amigos e colegas.

As figuras 1 e 2 demonstram que os amigos e colegas são as pessoas escolhidas para se falar de sexo, tanto pelos meninos para se falar de sexo, tanto pelos meninos como pelas meninas, embora entre elas a preferência seja mais acentuada. Em família, as meninas escolhem a mãe como a pessoa que mais procuram para discutir sexo e o pai é realmente preterido por elas para esse tipo de conversa. Já os meninos conversam pouco em família e é interessante notar que conversem quase igualmente com o pai e a mãe. Na escola, o professor e o orientador sexual são os preferidos tanto dos meninos quanto das meninas para conversar sobre assuntos sexuais. Vale ressaltar que os pesquisados mencionaram também outros profissionais como terapeuta, padre, médicos. Mencionaram ainda que buscam soluções individuais para o problema, como a leitura de um livro ou o "desabafo com o travesseiro".

Quanto ao conteúdo *do que conversam sobre sexo*, surgiram respostas que revelaram preocupações com o corpo, como

Figura 1

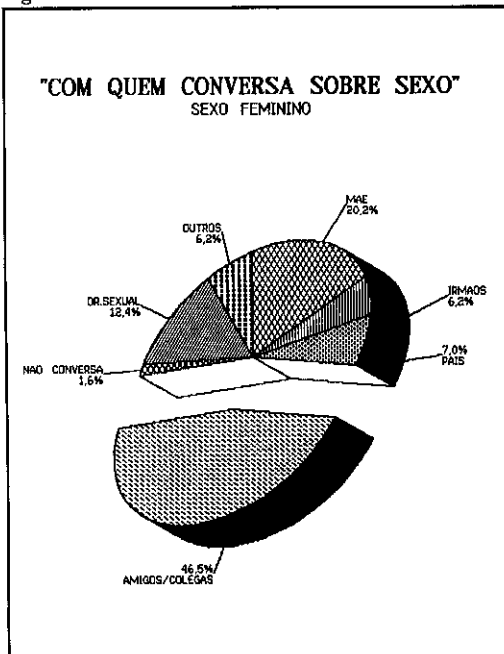
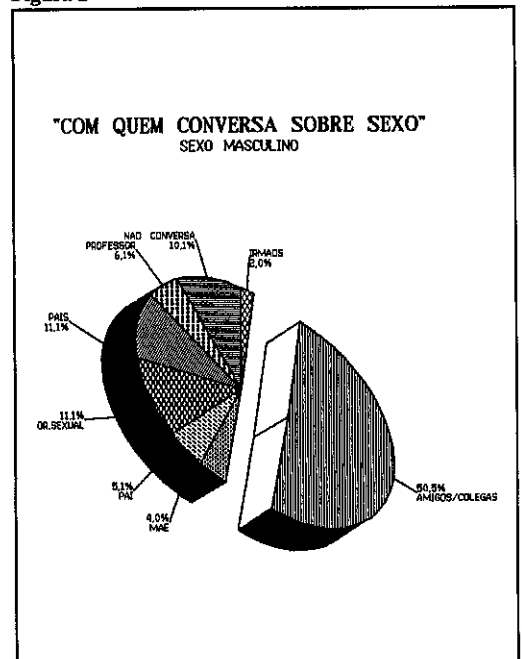


Figura 2



a menstruação, gravidez, anticoncepção, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), AIDS, mudanças corporais, físicas e fisiológicas.

Surgem também como conteúdo das conversas entre eles, o relacionamento sexual (transa) e suas implicações como: virgindade, casamento, namoro, relacionamento a dois e interferências familiares, a homossexualidade, as drogas, o machismo e o futuro.

Merece destaque a ausência significativa de resposta a esta questão em ambos os sexos, evidenciando talvez, a dificuldade do adolescente na elaboração abstrata das experiências sexuais.

As figuras 3 e 4 revelam a diversidade do mundo masculino e feminino no conteúdo das conversas, quando o tema é sexualidade. Os meninos concentram-se mais no item sexo, seguindo-se o item conselhos, que designa suas preocupações com o comportamento frente à mulher. A terceira preocupação é com o ato sexual (transa) e finalmente com DSTs, Aids,

drogas e futuro, incluídas na categoria outros. As meninas estão mais preocupadas com a gravidez, seguindo-se o sexo, a transa, a Aids e por fim com conversas sobre o namoro, sentimentos, relacionamento a dois, e interferências familiares que se aglutinam no item outros. Muitas meninas responderam à questão dizendo que conversam sobre "tudo".

Outra questão que procuramos desvendar foi o namoro e, para isto, perguntamos: Você namora? Quais as coisas boas do namoro? Para você o melhor namorado(a) é aquele que...

Os dados indicaram que mais da metade do grupo não namorava na época da pesquisa. As meninas namoravam mais do que os meninos.

Os pesquisados ofereceram respostas que puderam ser reunidas em dois temas: Coisas Boas do Namoro e Qualidades Pessoais do(a) Namorado(a). No tema Coisas Boas do Namoro, o item mais valorizado por ambos os sexos foi a intimidade, significando a aproximação

Figura 3

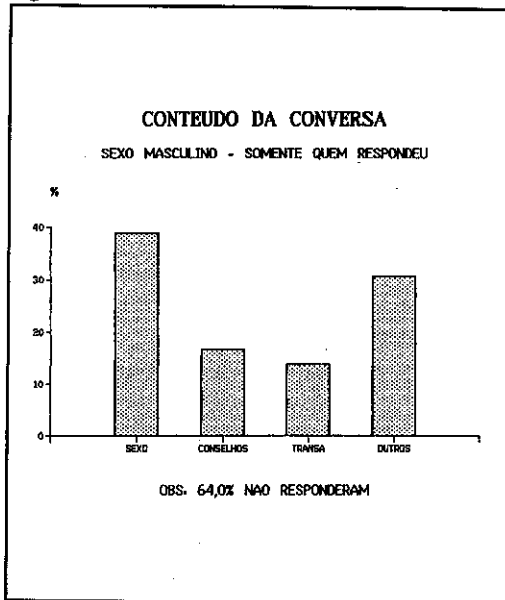
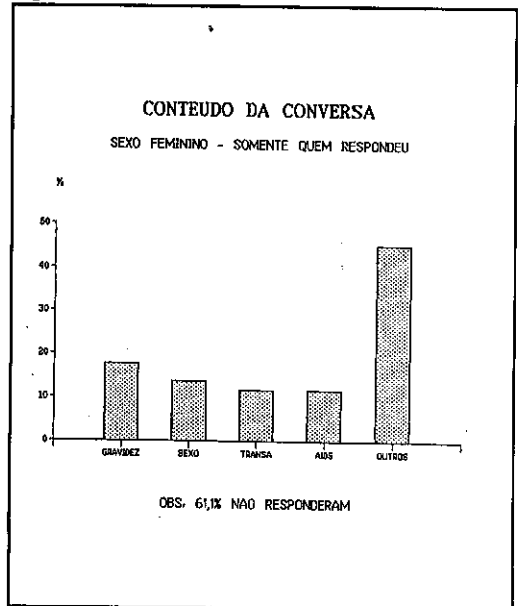


Figura 4



afetivo-emocional. Carinho, compreensão, amor, amizade, companheirismo foram as designações usadas pelos adolescentes para mencionar o lado bom do namoro. Segue-se a isso a riqueza do relacionamento para a pessoa que namora, sendo expressa como a alegria e a "cabeça boa" que o namoro traz. Tal referência foi feita tanto por meninos como por meninas. Já a aproximação física (beijo, abraço, transa, sexo, prazer) foi referida por ambos os sexos, mas não lhe foi dada o valor esperado.

Muitas respostas em torno das qualidades pessoais do(a) namorado(a) estão ligadas à sensibilidade, tanto para as meninas como para os meninos e foram expressas como carinhoso(a), atencioso(a), companheiro(a) e compreensivo(a). A essas qualidades seguem-se outras mais ligadas ao caráter e personalidade referindo-se à sinceridade, respeito, "cabeça aberta" e honestidade.

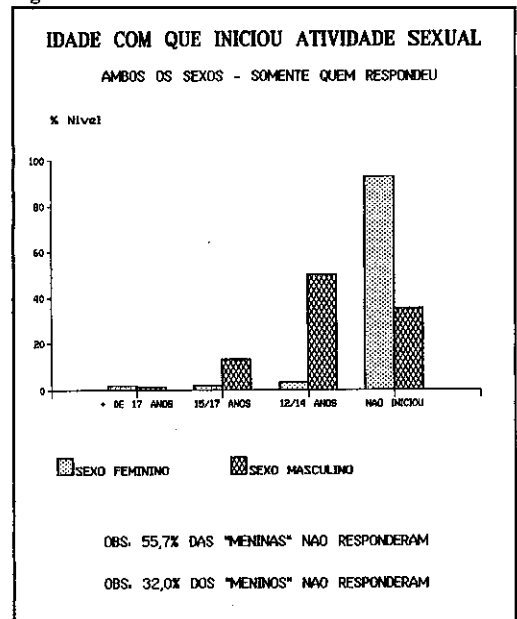
Investigamos também a atividade sexual desses adolescentes, perguntando: O pessoal da sua turma tem começado a transar com ... anos e isto acontece quando... Você começou aos ... anos e isto aconteceu quando...

As respostas revelaram a idade na qual esses adolescentes começaram a transar e quais as circunstâncias que favoreceram a iniciação sexual. Foi perguntado também quando e em que circunstâncias a "turma" começa a transar.

A figura 5 indica os resultados referentes ao início da atividade sexual e é importante notar o alto índice de ausência de respostas à essa questão.

Entre aqueles que responderam, a idade média para o início da atividade sexual masculina compreende o período entre 12 e 14 anos. Em relação às meninas os dados revelam que a maioria não havia iniciado a atividade sexual e, entre as poucas que o fizeram, o maior índice está também entre os 12 e 14 anos.

Figura 5



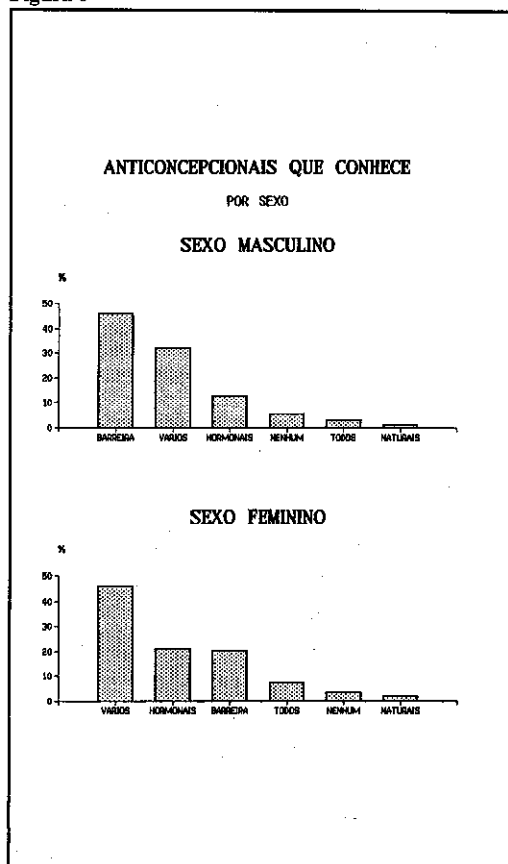
Os adolescentes consideram que a transa ocorre por atração, convite, porque gostam, porque namoram, porque ficam, porque saem juntos ou porque encontram a pessoa certa. As circunstâncias que os motivaram a iniciar a atividade sexual são o local e o fato de estarem a sós em casa de parentes. Vale observar que foi mencionado o incentivo do adulto (pai, tio) para que o filho ou sobrinho adolescente procure uma prostituta.

Outra questão que investigamos foi relativa à anticoncepção. Perguntamos aos jovens: Que métodos anticoncepcionais você conhece? Eles mencionaram conhecer entre os métodos naturais, a tabelinha; entre os de barreira, o diafragma e a camisinha e, entre os hormonais, a pílula e a injeção e vários outros como o DIU e os cirúrgicos (ligadura de trompas e vasectomia).

Uma análise comparativa dos gráficos da figura 6, revela o índice de conhecimento dos métodos anticoncepcionais pelas meninas e meninos. Para os meninos, o método de barreira - a camisinha - é o mais conhecido. As meninas responderam

vagamente à questão dizendo "conheço vários métodos". Um grande número de meninos também respondeu desta forma. Os métodos hormonais e de barreira são conhecidos por aproximadamente 20% das meninas.

Figura 6



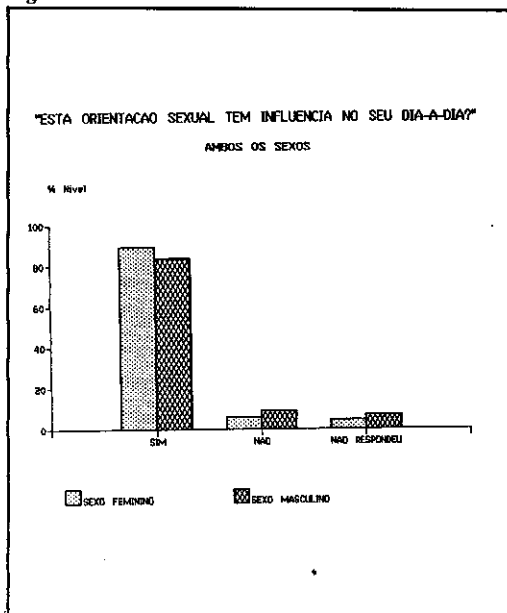
Procurou-se investigar também os papéis sexuais e as possíveis mudanças que teriam ocorrido na conceituação de masculino e feminino. Pedimos que mencionassem as vantagens de ser homem e de ser mulher. Os resultados apontam para dados como a ausência de respostas para as vantagens de ser mulher na maioria dos meninos, enquanto que apenas uma minoria de meninas não preencheru o espaço sobre as vantagens de ser homem.

As meninas privilegiam significativamente a liberdade que os meninos têm, mas também valorizam os seus próprios privilégios físicos como a possibilidade de gerar, de ter o corpo atraente e poder se enfeitar e se embelezar. Elas também reconheceram que têm privilégios emocionais, como a maior facilidade de expressão dos sentimentos, maior sensibilidade. Consideram vantagem serem menos pressionadas emocionalmente do que os meninos.

Os meninos vêem como vantagem de ser homem poder ter mais liberdade, menos controle dos pais e maior liberdade sexual. Também julgam ser vantagem poder ser o chefe da casa em seus futuros lares. Alguns deles apontam como vantagem de ser mulher a possibilidade de expressar sentimentos, de não ser tão pressionado socialmente a assumir o papel adulto, de poderem dar mais vazão ao emocional em suas vidas. Um deles mencionou ser vantagem para a mulher poder fingir ter orgasmo.

Finalmente, questionou-se a influência dos POS em que estão inseridos, pedindo que avaliassem tal trabalho. É equivalente aos dois sexos a percepção dos efeitos positivos dos POS e o reconhecimento de mudanças no comportamento. A figura 7 espelha essa avaliação, mostrando que os adolescentes valorizaram as modificações psicológicas e emocionais que reconhecem estar experimentando em suas vidas. Principalmente as meninas se referem ao seu amadurecimento pessoal, com expressões como "ajuda a encarar a puberdade", "tira preconceitos", "melhora relacionamentos". A aprendizagem de atitudes saudáveis, como o cuidado com gravidez e DSTs, é reconhecida por meninos e meninas. Eles apontam para a possibilidade de retransmitir o que aprenderam para os outros e reconhecem que assimilaram novas informações através dos POS.

Figura 7



Considerações finais

Um olhar abrangente sobre as informações colhidas neste trabalho mostra que os POS estão atingindo seus objetivos pois são avaliados positivamente pelos jovens de 13 a 16 anos que os frequentam.

As preocupações que revelam quando conversam sobre sexo evidenciam a maturação sexual, que é o fato emergencial do desenvolvimento nessa faixa etária.

Os seus pais na maioria têm entre 36 e 45 anos e estão atingindo uma idade em que o relacionamento com os filhos se torna mais difícil. Conforme Adamo et al. (1985),

existe uma simultaneidade entre a crise da meia idade nos pais e a adolescência dos filhos, onde ambos vivem momentos de transformação interna e externa. O adolescente em processo de formação de uma identidade adulta enquanto os pais passam por uma fase de revisão da própria identidade.

Outros autores mencionam essas dificuldades neste momento do crescimento. Confort (1980) considera que,

para os adultos, pode ser até mais difícil falar de sexo, pois já viveram mais e estão a par do grande número de questões complicadas que o assunto provoca (p. 99).

Tiba (1985, p. 39) afirma:

Ser pais de crianças é diferente de ser pais de adolescentes. O relacionamento pais e filhos vai da dependência total (pais - recém-nascido) para a independência (pais - filhos adultos). Nesse movimento existem períodos turbulentos como na puberdade e mais calmos como na pré-puberdade. Estas mudanças estão mais sujeitas ao crescimento dos filhos do que à modificação dos pais (p. 39).

Os dados mostraram que a influência dos pais na sexualidade dos filhos se diferencia quanto aos papéis do pai e da mãe. Há um estreitamento maior entre mãe e filha e certa ligação mãe e filho. Já o pai, enquanto orientador sexual, se mostra distanciado para o filho e praticamente preterido pela filha.

Talvez esse distanciamento ocorra pelo modelo de masculinidade que se encontra estabelecido na sociedade, na qual são valorizadas principalmente as emoções masculinas que dizem respeito ao sucesso profissional. Com isso os homens acabam aceitando abrir mão de atenções e sentimentos ligados ao seu papel de pai e marido, o que os levaria a uma participação maior na educação dos filhos e no serviço doméstico (Mardegan, 1993).

A maturação sexual e a maior abertura do adolescente aos modelos externos à família seriam bons motivos para justificar os programas de Orientação Sexual entre adolescentes.

Outros dados colhidos dizem respeito às relações amorosas, onde notamos que as meninas têm uma tendência maior a valorizar a intimidade no namoro. Meninas e meninos, no entanto, revelam semelhança na escolha das qualidades pessoais do(a) namorado(a) quando valorizam a sensibilidade e o caráter do(a) parceiro(a). Perguntamos se os programas de Orientação Sexual não estariam fazendo surgir um menino que evidencia não apenas a busca da aproximação física, mas que é capaz de exprimir sua valorização à sensibilidade e ao afetivo-emocional. Por outro lado, gostaríamos de investigar no futuro, se a troca afetivo-emocional mais valorizada do que a aproximação física, nas relações de namoro, é um dado que se repetiria numa investigação com adolescentes que não recebem Orientação Sexual.

Vimos repetir-se na pesquisa os estereótipos para os papéis de homem e de mulher que julgávamos mais enfraquecidos. Os adolescentes de ambos os sexos revelaram valorização do papel masculino em detrimento do feminino. Surgiu, no entanto, um dado novo, a valorização pelo menino da possibilidade maior de abertura emocional pela mulher.

Quisemos analisar os adolescentes diferenciados em níveis sociais para verificar sua postura quanto ao papel masculino e notamos que os meninos de nível sócio econômico mais alto, cujos pais têm escolaridade de 3º grau, afirmam ser vantagem para o homem o físico mais forte, a maior liberdade, revelando que são menos controlados pelos pais do que suas irmãs.

No nível sócio-econômico mais baixo, cujos pais têm escolaridade de primeiro grau incompleto, os meninos ofereceram poucas respostas, mas também apontam para as vantagens físicas e a maior liberdade que a família lhes proporciona. As meninas dos dois níveis sócio-econômicos valorizam a liberdade masculina.

Analisando a vantagem de ser mulher notamos que os meninos dos dois níveis sociais apontam baixo índice de resposta à questão. Em ambos os sexos os mais favorecidos economicamente, mencionam como privilégio feminino poder expressar emoções. Para aqueles de nível sócio-econômico mais baixo os privilégios masculinos se referem à força, não menstruar e gerar e os femininos são gerar, corpo atraente, mais emoção.

Um resultado positivo para os programas de Orientação Sexual surge nas respostas à questão sobre com quem conversam. Se compararmos com experiências passadas podemos dizer que escolher a Escola como meio de informação sexual é algo novo em nossa cultura. Guimarães (1985) relata que alunos adolescentes não mencionavam a escola ou o professor como fonte de informação sobre sexo.

A preferência por amigos da mesma idade para se falar de sexo é um dado tradicionalmente conhecido e nos leva a pensar na necessidade de se desenvolver programas de Orientação Sexual através de jovens multiplicadores. Um dado intrigante é que muito pouco foi mencionado de conversa sobre sexo com o namorado. Isto nos leva a crer que o incentivo às trocas esclarecedoras da sexualidade dentro do grupo poderia facilitar o diálogo entre os pares.

No que se refere à atividade sexual os pesquisados se esquivaram de respostas reveladoras, protegendo sua privacidade numa questão íntima. A menina revela o início da atividade sexual aos 15-17 anos, o que é culturalmente um fato recente e ainda não levado em conta nos planejamentos educacionais.

Acreditamos que para estes adolescentes o índice de conhecimento dos métodos anticoncepcionais seja maior do que o da população adolescente em geral. Por outro lado, nota-se que a camisinha é o método mais conhecido para os meninos, embora

eles mencionam os métodos hormonais utilizados pelas meninas.

Concluindo, consideramos que os POS são importantes pois, nesse momento de grandes transformações pessoais, os adolescentes encontraram interlocutores para a discussão de questões sexuais nos orientadores, recebem informações biológicas adequadas sobre o corpo e indicam estar procurando aprofundar os relacionamentos de namoro. Por outro lado eles apenas acenam para alterações nos papéis de gênero, mostrando que nessa questão os POS tem um grande campo de trabalho para o futuro.

Notas :

1. Este trabalho teve a assessoria estatística de Paulo R. M. Guimarães
2. I. Altos cargos políticos, proprietários de grandes empresas e assemelhados e II profissionais liberais, III. cargos de gerência ou direção, IV. proprietários de empresa de

tamanho médio, V supervisão de trabalho manual e ocupações assemelhadas e VI ocupações manuais assemelhadas tabela UNICAMP.

Referências bibliográficas

- Aberastury, A. e Knobel, M. (1992). *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- Adamo, F. A., Dalgalarondo, P., Baptista, J., Marot, H. P. R., Pereira, M. E. C. e Santos, M. (1985). *Juventude: Trabalho, Saúde e Educação*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária.
- Confort, A. e Confort, J. (1980). *ABC do Amor e do Sexo*. São Paulo: Editora Abril.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Guimarães, I. R. F. (1993). *Os Jovens e a Informação Profissional*, (mimeo). São Paulo: UNICAMP.
- Mardegan J. R. E. (1993). *A Idade do Lobo*. São Paulo: Editora Mercuryo.
- Patton, M. Q. (1980). *Qualitative Evaluation Methods*. London: Sage Publications.
- Tiba, I. (1985). *Puberdade e Adolescência - Desenvolvimento Psicossocial*. São Paulo: Editora Ágora.
- Osório, L. C. (1992). *Adolescente Hoje*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.